

## MEMÓRIAS DE DONA HELENA: NARRATIVAS EM VOZ MENOR

Verônica Helena Aelo Simões<sup>1</sup>

*Resumo:* Em comunidades de tradição oral a escrita tem um valor secundário, logo são as narrativas que ajudam os mais jovens a criarem vínculos sociais e inserir-se na história. Enquanto a história utiliza-se da análise de documentos grafados, a memória é considerada um espaço em que o que está relacionado ao passado ainda não ganhou dimensão escrita, pois é a oralidade que faz a distinção entre memória e história. Nesse sentido, o estudo sobre memória torna-se importante para a compreensão da sobrevivência dos fatos veiculados pela tradição oral. Sendo assim, este artigo enfoca parte dos relatos da memória da Senhora Helena Teixeira da Silva Lima, nascida em janeiro de 1910, em Pojuca-Bahia. Por ora, será apresentada a narrativa *O pilãozinho de ouro*, que trata de compreender os significados das leituras na sua vida social, além analisar como suas diversas leituras (não somente literárias) contribuíram para sua formação identitária e na sua relação com os contextos familiar e social. Embora também tenha função de entreter, o enredo da narrativa revela não só a situação da mulher em um determinado contexto, como reforça as crenças e atitudes norteadoras de um grupo social em que a narradora está inserida.

*Palavras-Chave:* Identidade. Memória. Tradição oral.

### INTRODUÇÃO

Entendendo que o estudo sobre memória é importante para a compreensão de como e porque fatos ocorridos durante a trajetória de vida ficam registrados e contribuem para a compreensão dos modos de vida e valores de uma época, fiz um estudo de caso dos relatos de Dona

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, Universidade do Estado da Bahia (Pós-Crítica/UNEB), linha de pesquisa Literatura, produção cultural e modos de vida. Orientadora: Profa. Dra. Edil Silva Costa. Endereço eletrônico: veronica.aelo@gmail.com.

Helena Teixeira da Silva Lima, procurando estabelecer as relações de suas lembranças pessoais com os acontecimentos históricos e o contexto social em que ela viveu. Neste artigo farei uma análise do conto “O Pilãozinho de Ouro”, aprendido através da oralidade e transmitido por D. Helena. O recorte faz parte da pesquisa iniciada no Curso de Graduação.

Dona Helena nasceu no município de Pojuca, hoje Região Metropolitana de Salvador, a 67 km da capital baiana, em 22 de janeiro de 1910. Sempre morou na região durante os seus 100 anos de vida, embora tenha nascido na zona urbana e deslocado-se algumas vezes entre as zonas rural e urbana. Morou na Fazenda Sussuarana, propriedade de seu avô, até os dezenove anos. Em seguida foi para o distrito de Miranga, retornou a Pojuca e depois de alguns traslados, em 1930, mudou-se para a Fazenda Pau D’Arco. Em 1940, mudou-se para a fazenda Periperi. Retornou à sede do município de Pojuca, onde permaneceu até os últimos anos de vida.

A fim de compreender como o idoso ressignifica os saberes construídos/adquiridos ao longo de sua trajetória de vida, para a continuidade da pesquisa será necessária nova análise do material transcrito, bem como leitura de referenciais teóricos como Edil Costa, Áurea Pereira, Christine Delory-Momberger, Michel Pollak, Paul Zumthor, Daniel Bertaux, Jacques Derrida, Stuart Hall e Antônio Nóvoa. Inicialmente, trataremos do estudo sobre o envelhecimento, a melhoria da qualidade de vida e, conseqüentemente, sobre longevidade e a transmissão do conhecimento.

## **ENVELHECIMENTO X APRENDIZADO**

Atualmente, estudos sobre envelhecimento vêm ganhando evidência e prioridade no Brasil, uma vez que devido a diversos fatores como melhorias nas condições sociais e em especial o desenvolvimento tecnológico ligado à área da saúde — o que não significa melhoria na qualidade de vida — têm favorecido o aumento da longevidade.

No livro *Envelhecimento ou longevidade?*, as autoras Vera Maria Brandão e Elizabeth Mercadante abordam “o envelhecimento como natural e inerente à condição biológica de todo ser vivo, regido pelo ciclo vital em seu processo normal, que vai do nascimento à morte”, (MERCADANTE, 2009, p. 6). É um processo lento que ocorre gradativamente a cada dia. Apesar do avanço das discussões a respeito do envelhecimento, esse processo natural ainda é visto de uma forma negativa, sendo associado a doenças e fragilidades e por isso, o idoso é posto no lugar de um “inservível”, como alguém que dá trabalho e tira a privacidade.

De acordo com Mercadante e Brandão, “considerando que os papéis sociais e os lugares dos sujeitos são construídos no meio cultural, verificamos que o envelhecimento e a longevidade podem ser analisados na perspectiva de uma construção social” (MERCADANTE, 2009, p. 37), levando em consideração o contexto sócio-histórico em que se encontra, já que as diferenças são perceptíveis desde a Antiguidade tanto no Oriente, quanto no Ocidente. Dessa forma, tem-se aqui no Brasil um novo estereótipo de velho, que se mostra cada vez mais jovem e esbanja saúde e alegria.

Para as autoras é necessário “educar para dar voz aos cidadãos — para aprender a escutar a voz “dos outros” e, assim, compreendê-los e a nós mesmos” (MERCADANTE, 2009, p. 89). Nessa perspectiva, é preciso que sejam feitas políticas públicas voltadas para melhorar a educação brasileira, pois é a partir da valorização do conhecimento e da troca de experiências que essa crescente população poderá ser melhor compreendida e respeitada, pois ao ouvir os idosos, será possível alimentar e evidenciar a voz que anseia na sociedade.

A relevância das discussões sobre a complexidade da relação entre gerações leva-nos à reflexão sobre as consequências provocadas pela cultura do consumo, que conseqüentemente gera competição e individualismo. A fim de construirmos uma sociedade mais justa e

igualitária, é preciso que o espaço seja e esteja aberto aos mais velhos para que possamos compreender os fatos da nossa própria história.

## **A IMPORTÂNCIA DO IDOSO NA TRANSMISSÃO DO CONHECIMENTO**

A transmissão de narrativas era vista como a função do idoso, pois como foi dito, devido à sua frágil aparência era considerado improdutivo e, em seguida, descartado do meio social. Porém, são essas narrativas que contribuem para a perpetuação da tradição oral.

A caracterização da história oral se dá através da produção de documentos e arquivos que se referem à vida das pessoas como fatos históricos e também se apresenta como uma forma de reconstrução de acontecimentos, vivências e experiências em diferentes aspectos da vida, seguindo movimento histórico e cultural da sociedade. Por isso, a história oral se apresenta como a ideia de passado que perpassa e se prolonga no presente, projetando-se no futuro. Dessa forma, por encontrar-se num contexto histórico específico, a narrativa permite a visão do sujeito em relação com sua história pessoal e do seu tempo.

No capítulo *Vozes em evidência: as histórias silenciadas*, de *Narrativas de vida de idosos*, Áurea Pereira abre espaço a um grupo excluído (velhos) e mostra que “história oral, memória e tradição oral se entrelaçam nas histórias de vida dos idosos” (PEREIRA, 2013, p. 23). Esse entrelaçamento apresenta-se de forma importante para a reconstrução de imagens e ideias, pois “ao mesmo tempo em que conta as histórias, oralmente, ele transmite experiências, saberes preservados através de experiências do passado” (PEREIRA, 2013, p. 23). Na literatura e na tradição oral é comum a presença da repetição. Esta surge como forma de fixação por parte daqueles que vivenciaram e como ensinamento para aqueles que estão chegando.

Em uma comunidade narrativa, as pessoas apontam quem é o contador, que naturalmente são as pessoas mais velhas e sua palavra é legitimada, portanto na organização da comunidade, cada um tem sua função e ela é reconhecida. Assim como a fala representa o poder, a

afirmação e a reafirmação do mais velho, “a negação e o silêncio também são marcas da fala de muitos idosos” (PEREIRA, 2013, p. 21), pois o silêncio surge como forma de resistência e estranhamento.

Atualmente, a transmissão oral que era a forma utilizada pelos mais velhos para educar e ensinar vem “perdendo” espaço para a escrita, que tem ganhando visibilidade graças ao poder de legitimação. Isso acontece porque “a escrita assegura a preservação dos fatos para um maior número de gerações descendentes de culturas diferentes” (PEREIRA, 2013, p. 144). Apesar da baixa ou não escolarização, tem-se um contato direto com a escrita, em virtude dos meios de comunicação de massa, cartazes e outros.

Sobre o ato de narrar histórias, que é muito comum em comunidades, Áurea Pereira afirma que:

O ato de narrar história é um ato de produção e criação textual. O autor do texto recria uma estrutura textual que garanta ao ouvinte, ou leitor, a compreensão e acompanhamento dos episódios e cenas, bem como a presença de outros interlocutores que apareçam como personagens principais. [...] O ato de narrar histórias é um ato de recriação e não deixa de ser uma arte, é também poético (PEREIRA, 2013, p. 221).

Sendo assim, o ato de narrar está relacionado à performance, em que cada “apresentação” é única, pois não há repetição de gestos ou expressões. A performance se utiliza do corpo e da voz do narrador, caracterizando-se pela singularidade.

No próximo tópico faremos a análise do conto *O pilãozinho de ouro*, que era contado prazerosamente pela narradora nos momentos de conversa.

## **2 A ESPERTEZA DA MULHER NUM CONTO DA TRADIÇÃO ORAL**

O conto *O pilãozinho de Ouro* (Cf. Anexo), por ser aprendido por Dona Helena através da tradição oral, pode ter sido recriado a cada

transmissão, ganhando elementos característicos da época ou, também, perdendo elementos que não fizessem parte do cotidiano de cada transmissor.

Ao analisar os personagens, o enredo e local onde se passa a história, podemos pensar que são trazidos à luz elementos de época. Logo, somos remetidos a várias situações como a desvalorização da mulher, que durante muito tempo não pôde expressar suas opiniões e seus desejos, cabendo-lhes apenas a obediência, a dedicação aos afazeres domésticos e a educação dos filhos.

Em *O pilãozinho de ouro* percebi a autonomia da mulher numa situação patriarcal. A personagem possui uma relação amigável com o pai, que a orienta a não procurar o rei e entregar-lhe um presente incompleto: um pilãozinho de ouro sem a mão-de-pilão. Tal atitude chama a atenção do rei que a considera muito esperta e demonstra interesse em casar-se com ela. Porém, há a imposição da realização de uma tarefa difícil, que surge como “fuga” do rei de casamentos por interesses. O desafio é aceito pela moça e sua atitude impressiona o rei, que talvez não acreditasse na possibilidade da realização da tarefa, visto que eram pessoas sem recursos.

Para a realização da tarefa, a plebeia demonstra total criatividade ao utilizar elementos que estão ao seu alcance, presentes no seu cotidiano. Após a superação do desafio, tem-se o pedido de casamento. A aceitação do pedido acontece de forma rápida, já que a moça não impõe nenhuma condição.

Numa atitude de confiança, o rei transmite à esposa seu maior segredo: a compra de um cavalo que ainda não havia sido pago porque havia esquecido. Porém, ao ser procurada e revelar o local onde o rei poderia ser encontrado para que o vendedor pudesse cobrá-lo foi o motivo para uma atitude impensável: a expulsão da esposa de sua casa.

Desta vez o rei não impõe uma condição, ele dá a opção para ela escolher e levar consigo algo que achasse bonito e gostasse. Tal atitude funcionaria como “teste”, para verificar se havia algum interesse material

por parte da moça. E, mais uma vez, ela utiliza sua esperteza: embebeda o rei e retira-o de casa, levando-o para a humilde casa de seu pai. Diante disso, pode haver o interesse da moça em retirar o rei da sua pomposa realidade a fim de mostrar o cotidiano dos plebeus e também testar a sua resistência a uma vida sem luxos e regalias.

Observando a atitude da moça podemos pensar no possível surgimento de um sentimento que não é mencionado no conto já que o casamento não é realizado por amor, o que era comum na época. O casamento acontece devido a admiração do rei pela esperteza da moça. Transportá-lo enquanto se encontra inconsciente para a sua antiga realidade, talvez fosse uma forma ou até mesmo a oportunidade de alertá-lo em relação ao sentimento, já que essa atitude se revela também como uma prova de amor e reconquista.

Nota-se que a narrativa não é um simples conto para entretenimento, embora também tenha essa função já que as pessoas contavam nos momentos de descanso, à noite, depois do almoço, o que possibilitava a integração e a sociabilidade. O enredo do conto mostra a situação da mulher em um determinado contexto e seu comportamento demonstra ousadia e determinação, levando-se em consideração o período em que o conto foi aprendido e transmitido.

## **CONCLUSÃO**

Ao analisar o conto *O pilãozinho de ouro*, pude perceber o quão rica e prazerosa é a tradição oral, bem como a força e o poder da palavra que ecoa no tempo. É através dos exemplos, da caracterização e dos detalhes presentes nos contos que se ensina uma lição, como a valorização dos princípios éticos na relação com o outro.

Ao retomar o material transcrito, foi possível identificar que o conto em análise foi lido pela madrinha de Dona Helena para sua avó Mariquinha, que era analfabeta, e recontada por ela nos momentos de convivência familiar. Além disso, localizei uma versão do conto narrado por Dona Helena na coletânea dos Irmãos Grimm denominado *A*

*camponesinha sagaz* (Cf. Anexo), cuja análise comparativa será possível fazer em outro momento.

Sendo assim, percebe-se que ao narrar *O pilãozinho de ouro*, em casa, Dona Helena “reproduzia” a atitude de sua avó ao juntar os netos e iniciar uma narrativa como forma de tê-los por perto e ao mesmo tempo transmitir ensinamentos através do exemplo.

Pela magia dos contos é possível aprender que para alcançar um objetivo é preciso passar por momentos e caminhos tortuosos, bem como ultrapassar barreiras, superar desafios e para obter sucesso é preciso ter criatividade, pois ao vencer percalços, ganha-se batalhas internas e externas que resultam em força e amadurecimento.

## ANEXO

### O PILÃOZINHO DE OURO<sup>2</sup>

Certo dia, um velho caçador saiu para a mata. Lá, encontrou um pilãozinho de ouro e logo decidiu que deveria presentear o rei. O velho tinha uma filha e a mesma não concordava com a atitude do pai por achar que o pilãozinho não possuía a mão.

O rei, ao saber da atitude da moça, mandou que o velho a chamasse, pois a achou muito esperta, porém deveria se apresentar nas seguintes condições: nem a pé, nem a cavalo, nem nua, nem vestida, nem calçada, nem descalça. A moça aceitou o desafio e se apresentou da seguinte forma: montada num carneiro, vestida numa roupa de pelica e com um pé calçado, outro não. Ao vê-la, o rei a pediu em casamento e a moça aceitou.

Mas o rei tinha um segredo e pediu à esposa que não contasse a ninguém. Ele havia comprado um cavalo e esqueceu-se de pagar. O vendedor, que precisava do dinheiro, decidiu cobrar. Ao chegar à casa do

---

<sup>2</sup> Adaptado do texto transmitido pela narradora.



rei, pediu à moça que dissesse onde encontrá-lo. A rainha, sem conhecer o rapaz, ensinou o caminho. Por conta disso, o rei a mandou embora e disse-lhe que poderia levar de sua casa uma única coisa: algo que achasse mais bonito e gostasse.

Antes de sair, porém, a moça pediu ao rei que almoçasse com ela. Ofereceu-lhe vinho e o rei logo se embebedou. A moça aproveitou a oportunidade, chamou alguns criados e levou-o para a casa de seu pai.

## **A CAMPONESINHA SAGAZ**

Um conto de fadas dos Irmãos Grimm

Houve, uma vez, um campônio que não possuía nem um pedaço de terra, apenas uma casinha e a filha. Esta, um dia, disse ao pai:

— Deveríamos pedir ao rei que nos desse uma quadra de terra.

O rei, ao saber que eram tão pobres, deu-lhes um lote que não passava de um torrão cheio de mato. Pai e filha puseram-se, com afinco, a capinar e a revolver aquela pobre terra a fim de semear algum trigo e hortaliças. Já haviam cavocado quase todo o torrão quando acharam, semi-enterrado, um pequeno pilão de ouro maciço.

— Escuta aqui, — disse o pai, — como o nosso rei foi tão generoso conosco e nos deu este campo, acho que deveríamos dar-lhe este pilão como prova de reconhecimento. A filha não era da mesma opinião e objetou:

— Meu pai, se lhe levarmos o pilão há de querer também a mão-de-pilão e teremos de a procurar; portanto acho melhor ficarmos calados.

O pai, entretanto, não lhe deu atenção; embrulhou o pilãozinho e foi levá-lo ao rei, contando-lhe que o haviam achado no meio da terra e que desejavam oferecer-lhe. O rei aceitou o pilão mas perguntou se não haviam achado mais nada.

— Não, Majestade; — respondeu o camponês.

O rei disse-lhe:

— É preciso trazer, também, a mão-de-pilão.

O camponês respondeu que haviam procurado mas não conseguiram encontrá-la. Essa explicação de nada serviu e o rei mandou que o trancassem na prisão até que tivessem encontrado o tal objeto. Diariamente, os guardas levavam ao camponês a ração de pão e água, que é o que dão nas prisões, e sempre o ouviam lamentar-se e exclamar:

— Ah, se eu tivesse dado atenção à minha filha!

Tanto ouviram essa exclamação que resolveram ir contar ao rei, repetindo o que sempre dizia o prisioneiro: "Ah, se eu tivesse dado atenção à minha filha!" contando ainda que ele não queria comer nem beber nada.

O rei, então, mandou buscar o prisioneiro e perguntou-lhe por que era que vivia a repetir: "Ah, se eu tivesse dado atenção à minha filha!"

— Que foi que tua filha disse?

— Majestade, ela disse-me que não trouxesse o pilãozinho, senão teria que achar também mão-de-pilão.

— Tens uma filha bem inteligente, manda que venha cá.

Majestade, ela disse-me que não trouxesse o pilãozinho, senão teria que achar também mão-de-pilão.

Assim a moça teve de comparecer à presença do rei, o qual lhe perguntou se realmente era tão sagaz e inteligente. A fim de prová-lo, ele lhe daria um enigma para resolver; se o conseguisse decifrar ele se casaria com ela.

A moça respondeu prontamente que o decifraria; então o rei disse:

— Tens de te apresentar na minha presença nem vestida, nem nua; nem montada, nem de carro; nem na rua, nem fora dela; se conseguires fazer isso, casarei contigo.

A moça retirou-se. Em seguida, despiu-se completamente, assim não estava vestida; envolveu-se numa rede de pescar e não estava nua; tomou emprestado um burro amarrando-lhe as pontas da rede no rabo para que ele a puxasse, assim não estava montada e nem de carro; fez o burro andar sobre o sulco produzido pelas rodas do carro de maneira a tocar o chão só com o dedo maior, desse modo não estava nem na estrada nem fora dela.

Quando o rei a viu chegar disse-lhe que havia acertado completamente. Mandou soltar o pai dela e, em seguida, desposou-a, confiando à sua sagacidade a gerência do patrimônio real.

Transcorridos alguns anos, um dia em que o rei passava em revista uma divisão, deu-se o caso que muitos camponeses se detivessem em frente ao castelo com os carros depois de terem vendido a lenha; alguns tinham atrelado bois e, outros, cavalos. Entre eles havia um camponês que tinha três cavalos e um potrinho recém-nascido, o qual saiu de perto da mãe e correu a refugiar-se entre dois bois que puxavam um carro. Os respectivos donos puseram-se a discutir e a brigar aos berros; o dono dos bois queria para si o potrinho, dizendo que era filho dos bois; o outro insistia dizendo que o potrinho lhe pertencia e que era filho dos cavalos.

A contenda foi levada ao rei e este sentenciou que o potrinho devia ficar no lugar que escolhera; assim ficou pertencendo ao dono dos bois, embora injustamente. O outro camponês foi-se embora chorando e lastimando-se por ter perdido o potrinho.

Mas ele ouvira dizer que a rainha era muito inteligente e sagaz, além de boa e compreensiva, por ser também de origem camponesa; dirigiu-se a ela pedindo que o ajudasse a recuperar o seu potrinho. Ela respondeu:

— Sim, eu te ajudarei. Se prometes não me trair, eu te ensinarei o que tens a fazer. Amanhã cedo, quando o rei for assistir à parada, coloca-te no meio da rua pela qual deve passar, pega uma rede de pesca e finge estar pescando; continua a pescar e a despejar a rede como se realmente estivesse cheia de peixes.

Ensinou-lhe, também, as respostas que devia dar se o rei interrogasse.

Na manhã seguinte, lá estava o camponês pescando em lugar seco. Passando por aí o rei viu-o e mandou o batedor perguntar o que fazia aquele maluco. Perguntado, o camponês respondeu:

— Estou pescando.

O batedor perguntou-lhe que pretendia pescar em plena rua, onde não havia água.

— Ora, — respondeu o camponês, — se dois bois podem produzir um potrinho, eu também posso pescar onde não há água.

O batedor foi transmitir essa resposta ao rei, o qual mandou chamar o camponês e lhe disse que aquela ideia não era produto da sua cachola; quem lhe tinha sugerido? Exigiu que o confessasse logo. Mas o camponês não queria faltar ao compromisso com a rainha e repetia: "Deus me livre, Deus me livre! É ideia minha, é ideia minha."

Então, colocaram-no sobre um feixe de palha e espancaram-no tanto que o coitado acabou confessando que fora a rainha.

À tarde, chegando em casa, o rei foi ter com a rainha, dizendo-lhe:

— Por que és tão falsa para comigo? Não te quero mais por esposa; está tudo terminado entre nós. Volta para a tua casa campônia, de onde vieste.

Todavia, permitiu que ela levasse consigo a coisa mais cara a preciosa que possuía e essa seria a sua gratificação.

— Sim, meu querido esposo, — disse ela, — farei o que mandas.

Lançou-se ao pescoço do rei abraçando-o e beijando-o muito, dizendo que desejava despedir-se dele. Mandou que servissem uma bebida qualquer para brindar à saúde do rei e, disfarçadamente, deitou no copo deste um narcótico, que o fez cair em profundo sono; vendo-o adormecido, a rainha mandou que lhe trouxessem um belo lençol de

linho, no qual envolveu o rei; em seguida, ordenou aos criados que o levassem para a carruagem, estacionada em frente à porta, e ela mesma o conduziu depois até à sua casa.

Uma vez lá na sua casinha, ela deitou-o na própria cama onde ele dormiu um dia e uma noite ininterruptamente. Quando acordou, olhou espantado em volta, exclamando:

— Meu Deus, onde estou?

Chamou os criados, mas não haviam nenhum. Por fim chegou a mulher, que entre um sorriso e outro, disse-lhe:

— Meu caro senhor, destes-me ordem de trazer comigo o que eu mais gostava e me era mais precioso; ora, nada no mundo me é mais caro e precioso do que vós, assim trouxe-vos comigo.

O rei ficou tão comovido que os olhos se lhe encheram de lágrimas.

— Minha querida mulher, tu és minha e eu sou teu, e nada nos separará.

Reconduziu-a, novamente, ao paço real e quis que se tornassem a casar.

Certamente, se não morreram, ainda estão vivos até hoje.

## REFERÊNCIAS

HAMPATÉ BÂ, Hamadou. A tradição viva. In: *História Geral da África I: metodologia e pré-história da África*. Org. Ki-Zerbo, Joseph. São Paulo, Ed. Ática/UNESCO, 1982. p. 181-218.

MERCADANTE, Elizabeth Frohlich; BRANDÃO, Vera Maria Antonieta Tordino. *Envelhecimento ou Longevidade?* São Paulo: Editora Paullus, 2009.

PELLEN, Jean-Noël. Memória da literatura oral. A dinâmica discursiva da literatura oral: reflexões sobre a noção de etnotexto. Trad. Maria T. Sampaio. Projeto História — *Revista do Programa de Estudos Pós-*

*graduados em História e do Departamento de História (PUC-OS)*, v. 22, p. 49-77, 2001. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/10730/7062>. Acesso: 06 de março de 2014.

PEREIRA, Áurea da Silva. Vozes em evidência: as histórias silenciadas. In: *Narrativas de vida de idosos; memória, tradição oral e letramento*. Salvador: EDUNEB, 2013, pp. 17-42.

PEREIRA, Áurea da Silva. Aproximações teóricas: cultura local, oralidade e letramento. In: *Narrativas de vida de idosos; memória, tradição oral e letramento*. Salvador: EDUNEB, 2013. p. 141-166.

PEREIRA, Áurea da Silva. Por uma pedagogia da oralidade na EJA: uma possibilidade para o ensino da linguagem. In: *Narrativas de vida de idosos; memória, tradição oral e letramento*. Salvador: EDUNEB, 2013, 211-228.

PROPP, Vladimir. Capítulo I: Premissas. In: *As raízes do conto maravilhoso*. São Paulo: Martins Fontes, 1997. p. 1-27.

SIMÕES, V. H. A. *Vozes da memória: narrativas de Dona Helena*. 80 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) — Universidade do Estado da Bahia, UNEB - Campus II — Alagoinhas, 2010.